



DICASTERIUM PRO EVANGELIZATIONE
SECTIO DE INSTITUTIS EVANGELIZATIONIS
IN MUNDO

MENSAGEM
47ª JORNADA MUNDIAL DO TURISMO
“Agenda Digital e Inteligência Artificial para redesenhar o turismo”

27 de setembro de 2026

A Jornada Mundial do Turismo, que todos os anos, a 27 de setembro, convida toda a comunidade mundial a refletir sobre o sentido e o valor desta extraordinária forma de encontro entre os povos, propõe este ano um desafio de alcance histórico: compreender o papel que a inteligência artificial e a transformação digital podem desempenhar na imaginação do turismo do futuro.

O Dicastério para a Evangelização acolhe este tema com interesse e responsabilidade pastoral. Não se trata de uma questão meramente técnica ou económica: somos antes chamados a interrogar-nos sobre como se deseja promover a pessoa humana através do turismo, e como as novas tecnologias podem verdadeiramente servir a dignidade de cada pessoa em vista do bem comum, tal como afirma o Papa Leão XIV na recente Carta Encíclica *Magnifica Humanitas*: “A tecnologia pode curar, conectar, educar, cuidar da Casa comum; mas também pode dividir, descartar, gerar novas injustiças. Teoricamente, ela não é, em si mesma, uma solução para os problemas da humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam.” (*Magnifica Humanitas*, 9)

1. Vivemos num tempo de profundas transformações. A inteligência artificial não é apenas uma ferramenta; gera uma nova cultura, com uma nova forma de mediação entre a pessoa e o mundo. Como toda mediação, traz consigo possibilidades extraordinárias, mas também desafios que devem ser interpretados com sabedoria e discernimento. Como afirmou o Papa Leão XIV: “A inteligência artificial certamente abriu novos horizontes para a criatividade, mas também levanta questões preocupantes sobre as suas possíveis repercussões na abertura da humanidade à verdade e à beleza, na nossa capacidade de nos surpreendermos e de contemplar. Reconhecer e respeitar o que distingue a pessoa humana e garante o seu crescimento harmonioso é essencial para estabelecer uma moldura adequada para gerir as implicações da inteligência artificial.” (Discurso aos participantes na Conferência “Artificial Intelligence and Care of Our Common Home”, 5 de dezembro de 2025). Portanto, a resposta não está na rejeição da tecnologia, mas no seu uso humano. A inteligência artificial pode tornar-se uma aliada preciosa de um turismo sustentável e acessível, desde que permaneça instrumento ao serviço da pessoa e não se transforme num sistema de controlo, discriminação ou exclusão.

2. O turismo nasce de um desejo tão antigo quanto a humanidade: conhecer o outro, descobrir novos horizontes, deixar-se surpreender pela beleza da criação e pela riqueza das culturas. Este desejo é profundamente humano e comporta também uma dimensão espiritual. Nele ressoa aquela sede de infinito que habita o coração de cada pessoa. Hoje, a inteligência artificial pode certamente facilitar a viagem: tornar a informação mais acessível, personalizar experiências, otimizar percursos e reduzir o impacto ambiental. Tudo isto é valioso. Mas nenhuma tecnologia poderá jamais substituir o olhar que se poussa pela primeira vez sobre uma paisagem nunca antes vista, o aperto de mão entre desconhecidos, a emoção diante de uma obra de arte ou de um lugar sagrado. O encontro com o outro, com tradições diferentes das próprias, pode tornar-se uma ocasião de crescimento. Não se trata de anular as diferenças nem de uniformizar as culturas, mas de promover uma troca que enriquece a todos. Convidamos, portanto, todos os atores do setor turístico — instituições, operadores e viajantes — a preservar esta dimensão irredutivelmente humana do turismo. O Papa recorda-nos que “As novas tecnologias abrem um horizonte alargado em direções que, embora imagináveis, não podemos ainda antever plenamente. Isto torna mais complexo avaliar o seu impacto, bem como os efeitos a longo prazo sobre a dignidade das pessoas e o bem comum.” (*Magnifica Humanitas*, 4). As plataformas digitais e os sistemas de inteligência artificial devem ser concebidos e utilizados de modo a favorecer o encontro autêntico entre pessoas e povos, e não a reduzi-lo a uma mera experiência virtual ou a um consumo de imagens. Existe uma dimensão humana e pessoal que não pode ser anulada sem se perder o sentido profundo da viagem. Esta dimensão deve ser sempre reconhecida, especialmente por aqueles que trabalham no setor do turismo, para que não se perca um património transmitido de geração em geração.

3. Não faltam, contudo, razões para olhar com saudável realismo e positividade para o potencial da inteligência artificial aplicada ao turismo. Quando guiada por uma visão ética que coloca no centro a dignidade da pessoa e o respeito pela criação, a tecnologia pode contribuir significativamente para tornar o turismo mais equitativo, acessível e sustentável. Pense-se nas pessoas com deficiência, que através de sistemas digitais inteligentes podem hoje aceder a lugares e experiências que no passado lhes estavam vedados. Também as comunidades locais dos países em desenvolvimento podem encontrar nas plataformas digitais novos canais para promover o seu património cultural e natural. Ao mesmo tempo, pode considerar-se a possibilidade de monitorizar e reduzir o impacto ambiental dos fluxos turísticos, contribuindo para o cuidado da criação, como afirmava São João Paulo II: “a ciência e a tecnologia são produto maravilhoso da criatividade humana que é dom de Deus, uma vez que nos forneceram possibilidades maravilhosas, de que nós beneficiamos com ânimo agradecido.” (Discurso com cientistas e representantes das Nações Unidas, Hiroshima, 25 de fevereiro de 1981). Neste sentido, a inteligência artificial pode tornar-se um instrumento de fraternidade e de justiça, não apenas de eficiência, desde que as decisões tecnológicas sejam guiadas por uma autêntica orientação para o bem comum e não apenas pela lógica do lucro.

4. A lucidez pastoral exige também que se olhem os desafios que acompanham esta transformação digital. O primeiro é a perda de densidade humanística quando o turista é considerado um simples objeto, a viagem um produto a otimizar e o encontro cultural um espetáculo a consumir. Nestes casos, perde-se algo

essencial. A experiência turística corre o risco de se reduzir ao que o algoritmo prevê como desejável, impedindo a descoberta do maravilhamento do encontro pessoal, que muitas vezes é a descoberta mais preciosa. O maravilhamento diante da beleza é, de facto, uma forma de conhecimento que vai sempre além, levando a descobrir pessoalmente novos destinos que a técnica não permite. O espanto é uma verdadeira forma de conhecimento que abre também à dimensão espiritual e conduz ao caminho da contemplação de Deus, fonte da beleza e Autor da criação. Há ainda o desafio da exclusão digital. Aqueles que não têm acesso às tecnologias, que não sabem utilizá-las ou que vivem em territórios com fraca conectividade correm o risco de ser ainda mais marginalizados num setor — como o turismo — que para muitas comunidades representa uma fonte essencial de sustento. Uma digitalização injusta pode aprofundar as desigualdades em vez de as reduzir. Finalmente, não se pode silenciar o desafio da vigilância. A recolha massiva de dados sobre os comportamentos dos viajantes, se não for devidamente regulada, pode tornar-se um instrumento de controlo incompatível com a liberdade e a dignidade da pessoa. É desejável, portanto, que as instituições internacionais promovam quadros normativos claros e vinculativos que garantam o respeito dos direitos fundamentais na era da inteligência artificial. Neste contexto ressoam com atualidade as palavras de Bento XVI: “a chave do desenvolvimento é uma inteligência capaz de pensar a técnica e de individualizar o sentido plenamente humano do agir do homem, no horizonte de sentido da pessoa vista na globalidade do seu ser. Mesmo quando actua mediante um satélite ou um comando electrónico à distância, o seu agir continua sempre humano, expressão de uma liberdade responsável. A técnica seduz intensamente o homem, porque o livra das limitações físicas e alarga o seu horizonte.” (*Caritas in Veritate*, 70).

5. Somos chamados a redescobrir o significado profundo da viagem: não como fuga da realidade, mas como caminho para a criação, para o outro e para Deus. O turismo, quando vivido com autenticidade e responsabilidade, pode ser uma escola de fraternidade, uma experiência que amplia o coração e a mente, educando para a riqueza da diversidade e para a solidariedade. Quem trabalha no setor do turismo e quem se dedica à pastoral do turismo é, portanto, chamado à vigilância. A inteligência artificial pode redesenhar o turismo e torná-lo mais atrativo. A nós, porém, compete a responsabilidade de prestar atenção a cada pessoa que inicia uma viagem. É necessário preservar a visão da pessoa como um ser relacional, livre, capaz de admiração e portador de uma dignidade inalienável que nenhum algoritmo poderá jamais captar plenamente.

✠ Rino Fisichella
Pro-Prefeito

26 de maio de 2026
Memória de São Filipe Néri

Esta tradução para português não é um documento oficial; o texto em italiano é a referência oficial.